

ENTRE DENTES, CARTAS E AFETO, A CORRESPONDÊNCIA DE OTTO PARA JOSUÉ

RETTENMAIER, Miguel¹
SANTIN, Bruna²

A amizade é o norte que possibilita que a caligrafia e sensibilidade datilográfica permaneçam as mesmas na folha de papel em branco. (SANTIAGO, 2006, p. 64).

RESUMO: A divulgação de correspondência entre escritores possui as suas justificativas afiançadas, na grande maioria dos casos, pela amizade que duas personalidades de um mesmo círculo literário cultivaram. Sendo regado por tal sentimento, a quantidade de testemunhos sobre o cotidiano, vida e obra renasce através da leitura das cartas particulares e afetivas de autores. Para tanto, este trabalho pretende averiguar discursos no íntimo epistolar de dois importantes escritores – Josué Guimarães e Otto Lara Resende – os quais trocaram correspondências, algumas das quais estão sob guarda do ALJOG/UPF, na Universidade de Passo Fundo. Com o objetivo da verificação da memória no diálogo íntimo missivista dos dois autores, algumas cartas serão remontadas neste trabalho com o intuito de evidenciar a amizade entre ambos, a qual deixa transparecer processos importantes de leitura e apoio, principalmente pela voz de Otto. Amparado por Santiago (2006), Diaz (2016) e Bouzinac (2016), este trabalho resgatará a voz privada e desconhecida até então na epistolografia daqueles cuja importância literária jamais será esquecida.

PALAVRAS-CHAVE: Josué Guimarães, Otto Lara Resende, Correspondência, Acervo Literário.

Introdução

A pesquisa em acervo literário corresponde a uma etapa dos estudos de literatura pela qual se superaram muitas amarras de uma linha de investigação a qual correspondiam princípios

1 Professor (Titular III) na Graduação, no Mestrado e no Doutorado em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: mrettenmaier@hotmail.com

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF), bolsista PROSUC/CAPES (Modalidade I). E-mail: bruna-santin11@hotmail.com

de considerável exclusão quanto ao *corpus* de “análise”. Tendo no texto objeto imanente frente ao qual se orquestrava todo um aparato teórico estrutural, a pesquisa, até alguns anos, era direcionada ao que se pretendia como uma análise objetiva “pela cadeia significativa e os meandros da enunciação” (MARQUES, 2015, p. 29). Segundo Reinaldo Marques, as pesquisas em arquivos literários, ou, como pretendemos ao presente trabalho, em acervos de escritores, garante um caminho alternativo a se pensar o literário, incorporando aos métodos de trabalho o que não faz parte do publicado, do público:

Arrefecidos hoje aqueles princípios e métodos por uma tradição crítica de cunho tanto pós-estruturalista quanto da perspectiva dos estudos culturais, o pesquisador da literatura viu-se *desinstalado do aconchego do escritório e da biblioteca e projetado para as margens da obra literária*, território ambivalente em que a obra se desdobra e o texto se mescla com outras linguagens, abrindo-se ao rumor da cultura, da história. (MARQUES, 2015.p. 30. Grifo nosso).

A superação de uma tendência de pesquisa, contudo, incorporou ao estudo indefinições que, no “rumor da cultura e da história”, não apenas problematizam os novos objetos de estudo, a materialidade de tudo que há em um arquivo ou acervo literário, que admite em seus guardados absolutamente tudo que diz respeito ao escritor, de seus originais à sua correspondência, de seus objetos pessoais a sua biblioteca particular e seus sublinhados, de sua produção ativa e passiva a um bilhete de metrô talvez involuntariamente esquecido depositado entre seus pertences. Um acervo em si é um espaço de indefinições quanto a sua própria natureza, quando o que era íntimo, particular, é invadido pela pesquisa e, ainda, deslocado da casa do escritor, de seu escritório, para um outro espaço, institucionalizado como parte de todo um aparato epistemológico. Se aos pesquisadores da literatura o “escritório doméstico” já não se basta, um outro “escritório doméstico”, o do escritor, é desterritorializado, e por isso (des)(re)construído. Esta pesquisa está centrada na violabilidade do privado quando se pretende refletir sobre a correspondência de Otto Lara Resende a Josué Guimarães, como manifestação não apenas da amizade entre os escritores, mas como o que se apresenta de uma determinada realidade social

e histórica no reservado das relações afetivas, no íntimo que só a vida epistolográfica – se ela existiu – poderá testemunhar.

Acervo literário: a desterritorialização do privado

O ALJOG/UPF (Acervo Literário de Josué Guimarães) é parte da infraestrutura do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo. Por desejo dos herdeiros, está sob os cuidados da UPF desde 2007, em escolha que se justifica pelas relações de parentesco do autor, ou em específico, de sua esposa, existentes na cidade e, principalmente, pela atuação do escritor de *Camilo Mortágua* como autor que respaldou os movimentos iniciais de uma das maiores movimentações culturais do Brasil associada à leitura e à formação do leitor: as Jornadas Literárias de Passo Fundo, que acontecem já há mais de quatro décadas. O ALJOG/UPF encontra-se instalado na Biblioteca Central da UPF, no Campus I, em um espaço de, aproximadamente, 42 m. O espaço centraliza o acervo literário em um dos espaços mais importantes da instituição, onde se resguardam um acervo de mais de 150.000 títulos, além de mais de 140.000 mil exemplares de periódicos na hemeroteca. A UPF ainda conta com editais anuais de bolsistas de I.C. apoiados por agências tais como CNPq e FAPERGS, além das bolsas concedidas pela própria instituição. O acervo é dividido em dois ambientes; na entrada estão expostos, em vitrinas, alguns itens, tais como objetos pessoais, máquinas datilográficas do autor, originais, exemplares de sua correspondência particular, etc. No ambiente restrito a pesquisadores e bolsistas, está resguardado o restante do espólio. Nesse espaço, estabelece-se o trabalho de organizar e catalogar os materiais do acervo, bem como se desenvolvem pesquisas sobre a obra e a vida de Josué Guimarães.

Apesar de todos os condicionantes do trabalho, de toda a metodologia que se emprega na pesquisa, o ALJOG/UPF, como todo acervo literário, não está imune de todo um jogo de indefinições e de força marcados por contraposições que nunca se encontram em campos conciliáveis. Discutindo as pulsões contraditórias no ambiente de um arquivo ou acervo literário

Jacques Derrida, em *Um Mal de Arquivo* (2001), reflete, à luz dos estudos freudianos, sobre o que de destruidor há em um arquivo quando, justamente, o que pretende é a preservação material. Há, segundo ele, a presença da morte e da finitude no que se guarda do tempo, em um jogo que envolve tanto a memória quanto o esquecimento. Derrida percebe no trabalho em acervo uma pulsão de morte “arquiviolítica” ou “anarquívica”, que, silenciosamente, apaga e reescreve no arquivo, uma memória que abriga e perde:

Ela trabalha, mas, uma vez que trabalha sempre em silêncio, não deixa nenhum arquivo que lhe seja próprio. Ela destrói seu próprio arquivo antecipadamente, como se ali estivesse, na verdade, a motivação mesma de seu movimento mais característico. Ela trabalha para *destruir o arquivo: com a condição de apagar*, mas também *com vistas a apagar* seus “próprios” traços – que já não podem desde então serem chamados de “próprios” (DERRIDA, 2001, p. 21. *Grifos do autor*).

Um acervo, na realidade, é um espaço de decisões e opções, o que de imediato o coloca como um reduto que se (re)faz, que se (des)(re)constrói. Para Derrida, um arquivo, como impressão, como escritura, como técnica hipomnésica, não é um local de estocagem, mas algo que determina a estrutura do conteúdo arquivável, já que o arquivamento “tanto produz quanto registra o evento” (2001, p 29). Nesse sentido o que se arquiva e o que se registra tem muito mais do que uma vocação de suporte de informação. Derrida afirma, por exemplo, sobre a importância da correspondência no centro do arquivo psicanalítico, imaginando o papel que o *e-mail* teria na constituição dessa ciência caso existisse em outros tempos:

por uma razão mais importante e mais evidente: porque o correio eletrônico está hoje, mais ainda do que o fax, em vias de transformar todo o espaço público e privado da humanidade e, portanto, os limites entre o privado, o segredo (privado ou público) e o público e o fenomenal. (DERRIDA, 2001, p. 29-30).

A questão dos limites entre o particular e o público, contudo, não se fundam no surgimento de uma determinada forma de comunicação. A própria palavra “arquivo”, guarda esse problema de demarcação. Como coloca Derrida, o termo tem relação com “domiciliação”, já que se referia à casa dos magistrados superiores, os “arcontes”. Na casa desses sujeitos

superiores, em seu domicílio, se depositavam os documentos oficiais. No *arkheion* grego, particular e público tinha domicílio.

Evoluindo a questão para o domicílio de um acervo literário, a problemática relativa ao público e ao privado ganha novas tonalidades. Para Reinaldo Marques, os arquivos ou acervos tem um lugar ambíguo entre o privado e o público. Instalados em campos públicos, ou estatal, e em âmbito privado, ou de caráter misto, em universidades, fundações e empresas, os acervos dos autores são desterritorializados e reterritorializados, quando se movem da casa do autor para as instituições de guarda. Aqui, esta mudança é uma completa violação do estágio anterior, que se encontrava no domínio do escritor, em seu escritório. Baseado em Derrida, Marques observa no arquivo dois princípios de economia: o topológico e o nomológico. O primeiro trata da acomodação física que um arquivo ganha na mudança, seu novo espaço que não mais o escritório doméstico do autor; o segundo fala dos comandos que mobilizam o acervo, sua organização e operação.

Em ambos os casos, o novo acolhimento do acervo traz uma “limpeza lógica, conceitual” (MARQUES, 2015, p. 33). Assim, o que o escritor, a princípio, sem uma sistemática rigorosa, guardou em sua vida, colecionou, esqueceu em gavetas, suas coisas, objetos pessoais, documentos, as cartas que recebeu, seus contratos de trabalho, seus originais, tudo isso, que constitui o “arquivo do escritor”, sofre um processo de assepsia, de higienização conceitual e mesmo material. De uma reunião anterior, de critérios aleatórios, individuais, os itens que migram à condição de “arquivo literário”, quando são submetidos a “princípios organizacionais e metodológicos preconizados por saberes especializados” (2015, p. 33). A (des)(re)construção do arquivo se formaliza, assim, pela atuação e o trabalho dos novos “arcontes”, “empenhados na tarefa às vezes interminável de remanejar, classificar e expor seus documentos, examinando-se e os interpretando” (2015, p. 34).

A nova residência do arquivo, por mais metodologicamente rigorosa como se constitua, por mais que se organize em conformidade com uma objetividade classificatória e com protocolos previstos, não está livre de pulsões internas advindas de seu novo lugar. Se há uma

luta contra o esquecimento e contra o tempo, associando-se ao arquivo o próprio esquecimento e a ação do tempo de esquecer e apagar o que sobrevive à assepsia conceitual, o que não se incorpora aos guardados e a seus sentidos, há ainda outras tensões que fazer parte do que se publica e do que se reserva. A figura do escritor, o que havia, passa a ser também (des)(re)construída. Como espaço de consignação, de reunião de signos de várias naturezas, o arquivo do escritor, mutante a “literário”, ganha cenografia e exhibe as novas máscaras da “*persona* autoral” (MARQUES, 2015, p. 35). Mediante novas facetas, que surgem no levantamento e na leitura dos itens do arquivo, revelam-se traços antes invisíveis do escritor, suas posições, seus receios, suas demandas, sua condição plural e humana em uma sociedade em conflito. A cada documento do ALJOG/UPF, está em potência uma nova feição de Josué Guimarães, um novo retoque a sua figura.

No jogo entre o particular revelado ao público, há ainda o lugar do que se escreve, do que o escritor produziu e salvou de uma lixeira ou lareira. O anonimato de uma pessoa “comum”, invisível na massa das multidões, pode assegurar-se como compreensível. Contudo, como esse anonimato pode existir a alguém que vive de e por sua expressão? Nesse aspecto, o espaço do escritor, seu “escritório doméstico”, constitui-se ambigualmente em um lugar limítrofe, de janelas quase abertas, de portas destrancadas, de paredes porosas. Mesmo que represente um lugar solitário, um território de exílio, sua condição impede o completo fechamento. Angela Durante observa na figura do autor de hoje um sujeito nômade, aberto às bibliotecas do mundo, navegador em redes sociais quando “[e]n el contexto del mundo contemporáneo global, [...] los paradigmas que tradicionalmente definen una biblioteca de escritor resultan reconfigurados por la nueva postura que caracteriza el escritor de hoy” (2013, p. 25). Para a pesquisadora,

la biblioteca del escritor de hoy se presenta como un lugar que produce interconexiones, en una contaminación hipertextual que alcanza proporciones mundiales. Sin embargo, por las proporciones que alcanza, y por los nuevos espacios y medios a través de los cuales toma forma y se desarrolla, mas allá de los libros, de manera paradójica, la biblioteca del escritor contemporáneo se deja estudiar,

desde un punto de vista genético, con muchas más dificultades que una biblioteca de autor tradicional. (DURANTE, 2013, p. 37-38).

Durante observa que os autores se movem, frequentam bibliotecas outras que não apenas as suas, viajam ou mesmo, como Josué Guimarães, em tempos anteriores à internet, se autoexilam em outro país por necessidades decorrentes das circunstâncias políticas. Suas coisas são perdidas, adquiridas, achadas nesse trânsito, seus livros estão em uma biblioteca “homeless” (DURANTE, 2013, p. 28).

A condição do sujeito que escreve, ainda mais acentuada pelas inovações tecnológicas, em *laptops* e *mobiles*, o coloca em trânsito, não apenas fazendo de qualquer lugar um ambiente de trabalho, mas acentuando o quanto o particular desse sujeito está sendo sempre invadido pelo olhar do outro. Embora escreva em sua residência, em seu “arquivo de escritor”, o acervo de quem escreve, antes mesmo de se tornar “arquivo literário”, está à mercê de invasões. Sua escrita feita na solidão está em prontidão de voo para o exterior, seja para a editora, seja para um correspondente, seja para o próprio autor, quando desdobrado em seu primeiro leitor. Para Marques (2015, p. 55):

Se a prática da escrita e da leitura alavancam a construção da vida íntima, da esfera privada, distintas do espaço público, também não deixam de promover certos cruzamentos do público e do privado, que rasuram suas fronteiras. É o caso de certas formas de escrita [...] que formatam um tipo de subjetividade no interior do espaço privado voltado entretanto para o público. Exemplificam-na a correspondência epistolar, entendida como “escrito da alma”, e o diário íntimo, visto como uma carta endereçada ao emissor.

A intimidade mediatizada pela literatura, na base do romance burguês, está marcada pela relação do eu que escreve com o que lê, do escritor e do leitor. A existência de um público é irreparavelmente condicionante do ato isolado de escrever. E mais ainda, o próprio “arquivo do escritor” se constitui em função da elaboração de sua *persona*, ao imaginar seu arquivo pessoal na ótica do outro. O que compõe seus guardados faz parte de sua imagem, em jogo e em construção. Mesmo sendo um espaço particular, compõe sua visibilidade na arena pública:

Assim, na montagem do arquivo pessoal de um escritor interferem elementos da vida pública, em sociedade. Percebem-se influências recíprocas entre as esferas do público e do privado, sem que uma sobredetermine a outra. Forças de uma esfera e de outra se entrecrocaram em ambos os espaços. (MARQUES, 2015, p. 58).

O arquivamento do eu, assim constrói uma imagem de si, talvez mais próxima a como ele se vê, mas possivelmente reelabora ou (re)(des)constrói traços em função da imagem da *persona* que será estendida aos espaços públicos de leitura, à visão do outro, em grande parte mediante a atuação dos “arcontes” que cuidam do arquivo ou acervo literário. Para Marques (2015, p. 59-60, *Grifo nosso*):

na montagem de seu arquivo pessoal, os escritores mostram-se bastante conscientes das implicações que isso acarreta na sua imagem pública. Tanto que recorrem a variadas práticas de arquivamento de si. Além de arquivar papéis e documentos de trabalho em pastas, gavetas e armários, montar álbuns de fotografias, também se valem de formas mais sofisticadas de arquivamento de si: *a prática de correspondência*, a escrita de autobiografias e de memórias. Para tanto, realizam diversas operações intelectuais e manuais: analisar, selecionar, fazer triagem, manipular, omitir, sublinhar, rasurar, riscar, recortar etc. Operações em que se sobressaem, em um só passo, uma intencionalidade particular, o gesto seletivo e classificatório.

O gesto seletivo e classificatório do escritor, contudo, pode não ser uma operação individual. Há, também, o componente de alteridades que colaboram na construção de sua imagem ambivalente, entre privada e pública. Parte importante dos “outros” que compõem o arquivo de um escritor são seus herdeiros, as pessoas que concedem às instituições de guarda os materiais que irão compor um acervo literário. Também a essas partes corresponde o poder de “analisar, selecionar, fazer triagem, manipular, omitir”. E mais, são elas que concedem alguns direitos aos pesquisadores, como publicar partes inéditas, originais, manuscritos etc. Os herdeiros fazem parte da construção da *persona* do autor.

Outro elemento de alteridade que integram “formas mais sofisticadas de arquivamento de si” é, como destacado, a correspondência do autor. Parte importante de um acervo literário, ambivalentemente colocada entre as categorias da produção ativa e da produção passiva de um escritor, as cartas frequentemente correspondem a um diálogo com lacunas, já que é pouco

comum encontrar-se a mensagem e sua réplica ou tréplica. Mas, mesmo assim, as correspondências dizem muito da vida do autor e de seu momento histórico resgatando elementos temporais em consonância ao cotidiano dos emissores. Situada no âmbito privado, mas destinada ao campo do público quando o acervo de um escritor se transforma em um acervo literário, a correspondência se desterritorializa agora com um novo ambiente e perante um novo sujeito leitor, que não é remetente nem destinatário da mensagem, mas um pesquisador.

A pesquisa em correspondência: a desterritorialização da intimidade

Josué Guimarães iniciou-se no ofício de ficcionista aos 49 anos, quando da premiação em um concurso de contos³ que o lançaria publicamente. Dedicado à vida jornalística, reconhecido na publicação na imprensa, não sendo raras as cartas com comentários elogiosos – e críticas – às muitas colunas que o autor assinou durante a sua vida, sua premiação como contista surpreendeu escritores importantes que faziam parte de seu círculo literário, como Fernando Sabino. Apesar de *Os ladrões* (1970) ter sido o primeiro livro do autor, uma coletânea de contos com os textos premiados, houve a tentativa da publicação de *As muralhas de Jericó* (2001), que narra as memórias de viagem à URSS e à China. A edição de tal livro, no entanto, no início dos anos 50, foi desencorajada pelo governo vigente da época e pelo partido ao qual Josué Guimarães era filiado. Às memórias do jornalista, à correspondência de viagens, associavam-se as utopias do político, o que somente nos anos 70 chegaria à produção literária, em uma ficção de forte engajamento ideológico.

Por ter se lançado ao mundo editorial tardiamente, o Guimarães sempre adotou uma postura de alguma reserva quanto ao que resultava de sua produção literária. Como ele mesmo deixou claro nas poucas entrevistas que deu, e até mesmo em sua correspondência afetiva,

³ O escritor foi premiado no II Concursos de Contos do Estado do Paraná, com três textos: “Mãos sujas de Terra”, “O princípio e o fim” e “João do Rosário”. Os contos vieram integrar o livro *Os ladrões*, primeira publicação literária de Josué Guimarães lançada em 1970.

trocada com grandes personalidades literárias do período, o jornalista experiente se via como um escritor neófito. Apoiado por escritores já conhecidos pela crítica como Erico Verissimo, Mário Quintana, Jorge Amado e o próprio Otto Lara Resende, constatou-se que rotineiramente tais autores teciam comentários, elogios e críticas construtivas ao “jovem autor”, o que era considerado por Josué Guimarães em obras em andamento. No recôndito silencioso da missiva, amizades e testemunhos importantes irrompem tempos outros para deixar a memória de autores enaltecida, através de seus próprios escritos íntimos. Como comenta Diaz (2016, p. 1999) “Certas cartas, contudo, endereçadas a escritores, beneficiaram-se da posteridade de seus ilustres destinatários que se tornaram seus conservadores involuntários”. E ao assumir tal papel, movimentos importantes de ressignificação podem ser iniciados, abrindo campo para possibilidade de desvelamento de tópicos essenciais e que podem ser desconhecidos até então.

Submergindo a qualquer espécie de riscos, como a mira de seus detentores e postumamente de possíveis colecionadores, tais escritos íntimos configuram-se como diz Bouzinac (2016, p. 22) “uma espécie de sobrevivência milagrosa”. Na pulsão involuntária, Josué Guimarães, por exemplo, guardou a troca com Otto Lara Resende. Tais cartas, como quaisquer missivas, contudo, ultrapassam muito os limites do discurso epistolar. A correspondência “encadeia não só anedotas biográficas, mas também exames de si, reflexões filosóficas, envios de poemas e comentários literários.” (DIAZ, 2016, p. 89). Por tal motivo, a missiva é material muitas vezes escasso ou até inexistente dentro de arquivos, justamente por seu papel testemunhal, que inclusive pode, segundo Rocha (2017, p. 161) “se tornar instrumentos jurídicos que depõem contra seu signatário”. Por se tratar de um gênero íntimo e particular, correspondentes dotados de espontaneidade deixaram gravados diversos movimentos que testemunham uma época. No entanto, este estudo permitirá a divulgação do nome do emissor, contrapondo a grande maioria dos estudos desenvolvidos com as cartas do ALJOG/UPF, que tendem a preservar o anonimato dos correspondentes, justamente por estar envolvida uma questão ética que procura preservar a memória como primeira opção, muito

embora sempre se divulguem os discursos de forma fragmentada. Para tanto, é necessário que se justifique tal movimento de “violação” dentro de um *corpus* epistolar específico: a correspondência trocada entre escritores e guardada para *posteriori*. Santiago (2006, p. 63, *Grifo do autor*) sobre isso comenta:

A altitude alcançada pelo artista e pela obra é que assegura aos contemporâneos e pósteros a certeza de que estão agindo corretamente ao violarem, postumamente, o lacre de todo e qualquer documento que traga as assinaturas privilegiadas, seja ele de caráter profissional, pessoal, familiar ou íntimo. *Ao almejar a imortalidade, o artista habita uma casa de vidro.*

Serão trazidos para este estudo basicamente cartas passivas, nas quais Otto Lara Resende tece considerações diversas, em sua maioria sucintas a Josué Guimarães, o qual resguardou em seu arquivo as missivas de amizade. Tal violabilidade, transformando as linhas do privado ao público, assim, justifica-se dentre os muitos aspectos por dois principais:

- a) O escritor por sua essência possui o desejo de ser lido, neste caso (re)lido, o que por si só já alude ao protocolo de leitura do epistolar, como observa Rocha (2017, p. 165): “Outra faceta a ser observada no protocolo de leitura do epistolar alude à ideia de que os atos de escrever e receber cartas podem ser lidos como mecanismo de se fazer existir, de ser lembrado”. A prerrogativa da lembrança e da memória possui viés fortalecido quando escritores como Otto Lara Resende a completar o seu centenário no ano de 2022, e Josué Guimarães que o completou o seu em 2021, deixaram registros tão importantes,
- b) Os leitores precisam de recursos que subsidiem tal como um acalento as suas dúvidas diante da escrita, a sua curiosidade que perscruta por respostas sobre a gênese e o processo criativo. Para tanto, como muito bem coloca Santiago (2006, p. 63- 64, *Grifo do autor*):

Desde Charles Baudelaire, para citar apenas o ícone da modernidade, o comportamento privado e público do grande artista sempre foi corajosamente imitado pelos jovens, hipocritamente lastimado pelos bem pensantes, injustamente condenado

pela comunidade e até pela justiça, devidamente resgatado pela história. Não pode haver segredo na vida profissional, pessoal, familiar ou íntima do artista. Ou se há, o leitor pode se aproximar das cartas e diários íntimos para, com o apoio dos versos de Charles Baudelaire em *'La vie antérieure'*, apreciar o trabalho desse escravo da personalidade humana – o segredo –, no exato instante em que aflora no espírito do escritor e torna mais agudos os momentos privilegiados de languidez.

Assim, percursos de várias esferas podem ser identificados na correspondência afetiva de escritores. Planos literários, assuntos sobre a gênese, projetos, desistências e desventuras cotidianas diversas mostram o plurifacetamento de um gênero que serve a diversos propósitos, já que o lugar que a missiva pertence dentro de um arquivo dependerá de seu conteúdo e, principalmente, da intencionalidade do pesquisador. Ora gênese, ora testemunho, pela hibridez de ambos, mobilizam-se assuntos diante dos missivistas, observando-se assim, os sulcos de personalidades que falavam, dentre muitas coisas, sobre literatura: “eis a carta remetida para a singularidade do eu que se desnuda nela; eis a carta novamente deixando o território da literatura para reencontrar, dessa vez, o do testemunho”. (DIAZ, 2016, p. 51).

Para o acervista, qualquer que seja o assunto, não há desinteresse por aparentemente minúscula que seja alguma declaração. O simples fato de uma impressão de leitura, com elogios ou críticas, poderá demonstrar elementos da recepção de um texto, ou até mesmo das discontinuidades que essa possa ter vindo a apresentar posteriormente. Assim, dada a personalidade dos missivistas aqui em questão, o estudo justifica-se para muito além da curiosidade bisbilhoteira da intromissão em discursos particulares.

Outra questão ligada à ética comprometida com os estudos de correspondências reside dentro das próprias questões de um Acervo Literário e da manutenção da memória, como observa Maria da Glória Bordini (2020, p. 22-23):

Daí que o trabalho de constituição e manutenção de um acervo literário depende de uma figura-chave semelhante ao colecionador de Benjamin: alguém impelido pela paixão da busca e da conservação, mas com a consciência da necessidade de democratizar seus achados e compartilhar com os outros o prazer das descobertas, sob pena de recair no fetichismo da propriedade. Também caracteriza o organizador de acervos o culto fortuito, do díspar, do entulho em que ele vislumbra uma possibilidade de ressignificação.

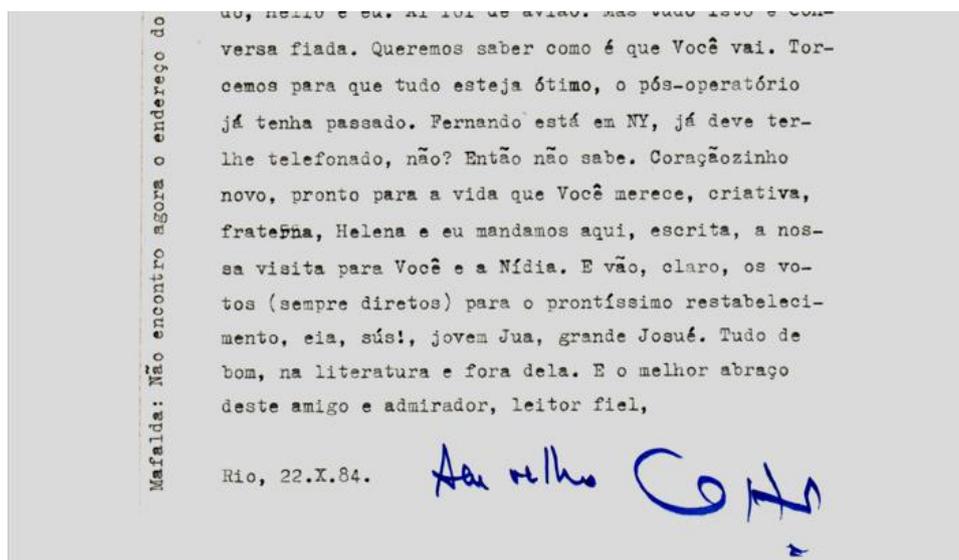
Por tal motivo, existe uma questão ligada a uma consciência retórica que não pode de forma alguma acondicionar no silêncio discursos que podem servir aos muitos fins e às muitas lavras quando se fala de pesquisa científica com memórias. Estando em um terreno movediço como é o Acervo Literário, o trânsito em uma via de mão dupla é inevitável quando o assunto é divulgação. Tal ato se intensifica quando há a tutela de documentos íntimos e legalmente protegidos, como é o caso da carta. Obviamente que existem relatos que transcendem o fazer científico não cabendo menção, pois pouco agregariam para qualquer fim além da especulação.

Com uma troca missivista não muito extensa, há no ALJOG/UPF pouco mais de seis cartas trocadas entre Otto e Josué, distribuídas na classe telegramas e correspondências, situadas entre o final da década de 70 e início de 80. Nos escritos sucintos no que tange ao número de linhas, percebeu-se pequenas “entradas” que evidenciam reciprocidade epistolar, em fluxos de envio e resposta respeitados pelo mineiro e pelo gaúcho. Todas as cartas sob guarda do ALJOG/UPF são passivas e, por isso, vemos nas mensagens muito mais a presentificação da voz de Resende, não podendo por ora averiguarmos testemunhos da voz de Josué, justamente por essas cartas serem inacessíveis no presente momento. O que importa é que pela tamanha afetividade por tais documentos, Josué os resguardou em seu arquivo, afiançado, assim, a amizade com Otto Lara Resende, escritor reconhecido no sistema literário brasileiro.

No fragmento de carta arrolado abaixo, percebe-se uma latente preocupação de Otto com a saúde de Josué, diante de uma cirurgia que o escritor gaúcho havia realizado:

Figura 1: Correspondência de Otto Lara Resende enviada a Josué Guimarães, datada em 22 de outubro de 1984.⁴

⁴ Queremos saber como é que Você vai. Torcemos para que tudo esteja ótimo, o pós-operatório já tenha passado. Fernando está em NY, já deve ter lhe telefonado, não? Então não sabe. Coraçõzinho novo, pronto para a vida que Você merece, criativa, fraterna, Helena e eu mandamos aqui, escrita, a nossa visita para Você e Nídia. E vão, claro, os votos (sempre diretos) para o prontíssimo restabelecimento, eia, súis; jovem Jua, grande Josué. Tudo de bom, na literatura e fora dela. E o melhor abraço deste amigo e admirador, leitor fiel, Rio, 22. X. 84. Seu Velho [assinatura].



Fonte: ALJOG/UPF

Em um relato de afeição, percebe-se, além da amizade comum com Fernando Sabino, que a família de Otto oferece um carinho pela família Guimarães, e que só pode naquele momento ser presentificado através da correspondência, já que ambos estavam distantes. Percebe-se que Otto reitera: “Helena e eu mandamos aqui, escrita, a nossa visita para você e a Nídia”, como que em uma tentativa de aproximação interlocutória, justificando um não contato presencial. Tal artifício é rotineiramente utilizado na vida epistolar, podendo ser exemplificado pela troca acima. Na tentativa de burlar um distanciamento, os interlocutores utilizam de seu próprio repertório linguístico para deixar o interlocutor o mais próximo possível. Já diz Rocha (2017, p. 139):

A carta se apresenta como espaço do provisório à espera de restauração da presença, ela ocorre no ínterim, no intervalo de presenças sempre na expectativa de um reencontro restaurador. Assim, as cartas acenam com um tempo de validade determinado, pois, de algum modo, se deixam ver como improviso criativo para burlar a imposição do distanciamento.

A carta de Otto, desta maneira, assume dentro de suas limitações um valor atribuído para ele de “visita”, acionando correlatos específicos de aproximação interlocutória. O que é

comum no trato epistolar como observa Bouzinac (2016, p. 130, *Grifo da autora*) “A *conversa*ção. Entre as diversas imagens usadas para representar o campo epistolar, a metáfora da conversa^{ção} é a mais frequente e mais viva”. Ao usar recursos sígnicos específicos, a letra epistolar vai sendo ajustada conforme a necessidade dos emissores, que tentam por diversas maneiras se fazer presentes mesmo que na ausência. Como comenta Diaz (2016, p. 67-8) “[...] a carta sonha em soldar, pelas suas palavras, real e simbólico”.

E nessa simbologia, a voz e sua ressonância ecoam envelope afora, no desejo quase sempre de que através da leitura o interlocutor das linhas surja a bater à porta do remetente que pode estar a muito quilômetros de distância. Porém, muitas vezes impulsiona a escrita o desejo de fazer-se presente, de narrar assuntos rotineiros do cotidiano, como observa Rocha (2017, p. 168):

A distância entre os interlocutores acenaria com a possibilidade de ambos estarem em espaços neutros, de acolhimento e de conforto que impulsionariam a escrita. Parece que no aconchego da casa, do escritório e da mesa parecemos mais dispostos e corajosos para sermos mais incisivos em nossas mensagens. Por outro lado, a carta asseguraria, mesmo na proximidade, um espaço de proteção para confissões que de outra maneira não seriam proferidas plenamente.

No silêncio de uma carta, na *sã* (in)consciência profana-se segredos, confessam-se predileções e intenções afetivas, pois tudo é assegurado por uma aparente confidencialidade, onde a escrita de si, por sua vez, parece acreditar na segurança na inviolabilidade. Por tal motivo, as falas arrolam-se em movimentos acentuados, em muitos momentos, pelo sentimentalismo exacerbado dos correspondentes, deixando-se surgir na linha do horizonte revelações que talvez não fossem proferidas em uma presencialidade. A carta escrita no ínterim de uma *persona* em condição aparente de intimidade, apresenta-se como um movimento de relatos de um intervalo temporalizado, seguindo a ressonância do cotidiano dos missivistas, arrolando quase sempre memórias recentes, que se fossilizam através da salvaguarda de tão importantes itens, mesmo que de forma involuntária pelos portadores, apesar do guardado voluntário de uma das partes em correspondência. Josué guardou as mensagens de Otto, assim

como não guardou muitas outras. Seu arquivo de escritor estava destinando ao acervo literário uma informação além das escritas. No conteúdo em particular está um testemunho sobre uma amizade, agora público, agora lido por outros.

Por outro lado, para Bouzinac (2016, p. 105) tais discursos “mascaram a ausência”, e em sua grande maioria narram temporalidades específicas aos missivistas, e que fazem sentido a pouco mais do momento do envio. Sendo enquadrados em vibrações específicas de trocas, quase sempre os autores diluem elementos inconscientes na escrita epistolar, com movimentos narratológicos “personalizados” de acordo com o seu estado de espírito, com o correspondente e com o assunto. Na carta acima, por exemplo, é possível observar que Otto trata Josué Guimarães carinhosamente por “Jua”, o que por si só evidencia sinais de uma intimidade epistolar. Assinando as linhas como “seu velho Otto”, denota-se, mais uma vez, a espontaneidade com o destinatário. Segundo Rocha (2017, p. 17) “A ideia de protocolo nos remete, igualmente, a determinado jogo artístico cujas regras, nuances e mecanismos devem ser conhecidos, respeitados e colocados em prática pelos missivistas”. Em um jogo natural de tratamentos, Otto deixa transparecer a espontaneidade discursiva, afiançando aos especuladores de hoje o quanto os cumprimentos “não convencionados” de uma carta, denunciam uma singular afeição. Como reitera a pesquisadora Bouzinac (2016, p. 61) “Antes de ser um objeto de escrita, a carta é primeiramente um objeto de troca. Sua dimensão material molda-se à personalidade de cada remetente”. E ainda antes mesmo de o pesquisador se deparar com a materialidade do texto e de seu conteúdo, um breve passar de olhos consegue desnudar as características da comunicação dos missivistas; se ambos eram íntimos ou não, se o tom é formal ou desregrado... Enfim, tratamentos como “Jua”, ou “Jisué”, por exemplo, apresentam um apelido entre personalidades que possuíam afeição.

Outro elemento importantíssimo explicitado na carta acima, e que aparece em outras trocas, é o fato de Otto ser leitor do Josué, tanto da imprensa, tecendo comentário às colunas assinadas por Guimarães, tanto na vida literária. Ao que tudo indica, diante de outros relatos ativos em correspondência, o Guimarães estimava elogios, críticas, considerações, e ideias que

levam, em determinados casos inclusive, à mudanças de títulos de obras em andamento ou de certos “vícios” de linguagem que possam ter permeado a escrita dos manuscritos em sequência. Tal apoio ao escritor, que engrenou tardiamente na carreira literária, presume-se ter sido extremamente importante.

Os dentes e a saúde: a desterritorialização da amizade

Na troca de correspondência, emissores acabam narrando elementos que perpassam a vida íntima e ganham uma esfera de tempo e espaço, em que são trazidos aspectos importantes de uma época, justamente com as críticas cristalizadas de certos fatores que ainda vemos se repetirem décadas após a abertura de documentos históricos. Já diz Diaz (2016, p. 57) “a carta é pensada e tratada como um testemunho oriundo de primeira mão, podendo revivificar o olhar sobre o passado”. Além de elementos literários e pessoais, a carta deixa transparecer um cotidiano sendo vivido e narrado em concomitância. Por isso, para além de conversa, os correspondentes trocam dados essenciais para a reconstituição de um espaço e da cultura de um povo naquele momento específico, fazendo com que se reacenda inúmeras conjecturas da esfera política, social e cultural de uma década. Diaz (2016, p. 54) comenta que:

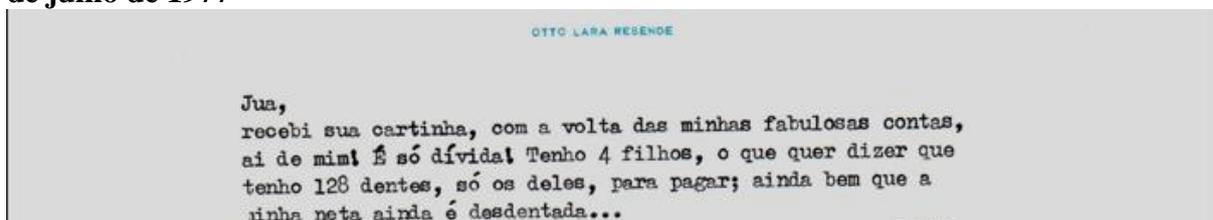
Toda correspondência oferece-se a quem quiser analisá-la como uma encruzilhada de problemas linguísticos, históricos, ideológicos. A polimorfia e a plurifuncionalidade intrínsecas a esse gênero infiel a si próprio possibilitam múltiplas abordagens, que vão desde a história da vida privada até as da prática de escrita do eu, passando pela sociologia da literatura, a genética literária, a pragmática da comunicação a distância etc.

A carta, gênero a serviço de seus correspondentes, está aos seus propósitos enquanto meio de comunicação e até de ficcionalização de certos estatutos cotidianos. No entanto, ela também contribui para que se tenha uma síntese sobre condições sociais, que os missivistas fornecem, mesmo que de forma não muito clara, em seus diálogos. Na escrita epistolar, segundo Rocha (2017, p. 31) se “[...] pressupõe uma escrita criativa, plural, que nasce da fricção

de diferentes tipologias textuais e diferentes maneiras de dizer o mundo. Deste modo, é um texto que concede grande liberdade de criação e de confissão ao seu escritor [...]”.

Tal liberdade de criação, também o é de testemunho. Na carta abaixo, com timbre de uma empresa de comunicação, possível vínculo profissional do escritor, por exemplo, Otto Lara Resende, com um tom mais humorístico narra a Josué as seguintes linhas:

Figura 3: Correspondência de Otto Lara Resende para Josué Guimarães, datada em 27 de julho de 1977⁵



Fonte: ALJOG/UPF

Não fica claro durante a carta quais foram as linhas endereçadas por Josué, e nem o tipo de “contas” a que Otto refere-se. Lacunar, este diálogo apresenta somente uma queixa, mesmo que de forma despretensiosa, sobre os muitos custos e dívidas. Exemplificando humoristicamente com os 128 dentes que precisa “pagar”, e de a neta poupá-lo da conta por ser “desdentada”, tal testemunho, no entanto, pode ser levado a uma esfera mais profunda de interpretação do que um simples “trocadilho” sobre a manutenção com os dentes dos familiares.

Tal discurso pode deixar haver as dificuldades de sobrevivência do escritor, as condições de vida do artista, mesmo que enfrentadas com a criatividade de um chiste. Guimarães e Resende, para além de amizade, ainda compartilhavam das profissões, já que ambos foram tanto escritores quanto jornalistas. Apesar de esta correspondência iniciar de forma alegre, ela termina com a objeção de Otto, que reprova a supressão televisa que estava ocorrendo na época. Ainda, o escritor comenta o quanto lembrou de Josué “ao ler uns contos

⁵Jua, recebi sua cartinha, com a volta das minhas fabulosas contas, ai de mim! É só dívida! Tenho 4 filhos, o que quer dizer que tenho 128 dentes, só os deles, para pagar; ainda bem que a minha neta é desdentada...

gaúchos de qualidade”, e envia um artigo (inacessível ao espólio) em anexo, possivelmente sobre alguma matéria que tenha lido, ou escrito sobre o assunto ou outro. Otto lembra ao Josué que segue sendo o seu leitor, despedindo-se com um “abracíssimo”.

Na missiva em questão tem-se uma carta sem muitos objetivos, onde Otto procura narrar a Josué puramente aspectos do cotidiano, que ocorreram na semana e no final de semana, quando, segundo ele, foi até à serra para comemorar o aniversário da filha Heleninha. Sem outras intencionalidades, senão o de manter contato com o escritor, temos aqui uma conversa entre amigos. Nela, há linhas sobre as amenidades da vida, mas há também trações de perseguição do regime ao sujeito. Como comenta Santos (1998, p. 25):

Os missivistas são como malabaristas que se movem em linhas sinuosas: ora privilegiam o destinatário e com isso produzem textos conforme o espírito do parceiro; ora abandonam a postura de amigo atencioso e alçam voo em busca da própria responsabilidade como ser humano e escritor.

Não há processo genético nesta missiva, há elementos históricos advindos de uma conversação que por si só não possui grandes pretensões a não ser manter contato com o amigo querido. Profissional na arte epistolográfica, Otto Lara Resende provavelmente era um entusiasta do gênero epistolar, já que em uma busca ao site do Instituto Moreira Salles, em um vídeo presente na página⁶, a pesquisadora Elvia Bezerra comenta que no arquivo do mineiro há cerca de sete mil cartas com diferentes correspondentes. Josué Guimarães ao contrário, não possui um espólio tão vasto, contando com pouco mais de quinhentas correspondências identificadas e catalogadas até então.

Em especial, esta carta, juntamente com outros telegramas que Otto enviou ao Josué pode ser entendido através das linhas da teórica Genèvieve Bouzinac (2016, p. 125) que comenta sobre o contrato epistolar: “Quando uma amizade se fortalece com a regularidade da troca de cartas, torna-se ela própria um dos temas da correspondência. O ritmo desta, a

⁶ O vídeo pode ser acessado pelo link:

<<https://www.youtube.com/watch?v=Evt8vVcNQSQ&list=PLC90FSGUmLhSsBuFI9EBM3kiG0V1v0mdu>>.

importância que se lhe atribuirá, os assuntos que abordará são objeto de um pacto mais ou menos tácito”.

Desta maneira não é necessário que haja grandes pretensões na troca de linhas senão a de afiançar e fortalecer uma amizade. Bouzinac (2016, p. 105) comenta que “a origem da correspondência é sempre a ausência”, e o envio da mesma não precisa de grandes justificativas para acontecer, embora possa apresentar conteúdos de interesse ao pesquisador. A exemplo, Otto e Josué compartilhavam provavelmente de muitos elementos e argumentos sobre sociedade, literatura e jornalismo. Mas ao que parece, os assuntos eram guiados quase sempre para que notícias pudessem ser enviadas e o pacto epistolar não fosse quebrado. Entre histórias de dentes, telegramas e cartas de amizade, esses testemunhos foram eternizados por Josué Guimarães, mostrando aos leitores de hoje, as linhas que trocou com Otto Lara Resende.

Considerações finais: a carta é a saudade que fica

As cartas trocadas entre personalidades literárias, de fato, podem render centenas de abordagens levando em consideração os missivistas e seus assuntos trocados em intimidade. O pesquisador, aquele que adentra imbuído com a justificativa de pesquisa e preservação da memória, especula sobre elementos que ele próprio não tem como afirmar sobre a veracidade.

Como reitera Bouzinac (2016, p. 158) “as cartas impedem o fim das amizades: é o único meio que possuíamos para escapar do tédio quando sofremos a perda ou afastamento de algo que nos é extremamente caro; é através desse cuidado que conservamos nossos amigos”. A conservação da amizade já pode ser justificativa suficiente para que não se pare de enviar cartas. Os assuntos que nela são inseridos frequentemente são apenas uma consequência desse sentimento. Ao assumir a responsabilidade de trazer as cartas de escritores do público ao privado estamos sendo, como diz Santiago (2006, p. 61), “transgressores”.

O pesquisador de acervo literário em si possui a característica de transgredir, seja na inviolabilidade de diálogos, seja de qualquer fonte deixada pelo escritor, operando nos limites

do privado e do público, desterritorializado o que o escritor e sua família mantinham guardados e reterritorializando as materialidades como itens higienizados, classificados, catalogados arquivados, digitalizados. O que era condicionado pelo afeto, agora é regulado por conceitos, métodos, protocolos. Entrando silenciosamente na rede arquivística da pessoa do escritor, o acervista desvenda e especula segredos. A letra epistolar, contudo, quando resguardada por aquele que poderia ter sido o seu algoz, conversará sobre memórias e amizades cultivadas em tempos importantes da vida artística de seu autor. Bordini (2020, p. 27) reitera diante dos documentos sob guarda de um acervo, que para além de prototextos, é possível verificar

[...] as vicissitudes da vida privada do escritor, permitindo que sua intimidade transpareça e, com o desvelamento de seus momentos de crise ou de entusiasmo, de derrota e vitória, se forme uma imagem de subjetividade autoral não mitificada sob a aura da excepcionalidade criativa, mas humanizada nas hesitações, recuos e desejos satisfeitos ou frustrados, em interações com outras vidas.

Poderíamos ter tido uma troca epistolar em que Josué comenta seu processo criativo a Otto, ou ao contrário, auxiliando nas especulações da gênese. No entanto, esse dossiê em sua maioria não prototextual, ainda assim, pode fornecer aparatos suficientes para que se leve a pensar o quanto Otto Lara Resende foi importante na produção artística de Josué, já que era seu leitor, *um importante leitor*. Desta forma, o aparato humano pode ser exemplificado pelas linhas divulgadas neste estudo. A *interação com outras vidas* a que Bordini se refere acontece através da troca epistolar em qualquer movimento.

Poucos meses mais novo que Otto, Josué faleceu em 1986, enquanto o mineiro em 1992. Ambos dedicados às letras, hoje, podem ter suas memórias resgatadas através de um trânsito epistolar mesmo que não em grande número (ao que se tem acesso primariamente). Testemunhos de amizade, essas cartas certamente presentificam os dois escritores, enriquecendo, mais uma vez, as boas lembranças e histórias que ambos legaram.

Referências

BORDINI, Maria da Glória. **Materiais da memória**. Porto Alegre: UFRGS, 2020.

BOUZINAC, Geneviève Haroche. **Escritas epistolares**. Tradução: Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade**: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX. Tradução: Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

DERRIDA, Jacques. **O mal do arquivo**. Uma impressão freudiana. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001.

DURANTE, Erica. La biblioteca de escritor frente al mundo global - Repensar un metodo a partir de R. Piglia, D. Link y R. Fresán. **Manuscritica**, São Paulo, n. 24, p. 23-40, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177745/164765>>. Acesso em: Ago. 2022.

IMOREIRASALLES. **Elvia Bezerra sobre "Otto: retrato escrito"** | O amor não acaba | PMC e OLR centenários. YouTube, 3 de jun. de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Evt8vVcNQSQ&list=PLC90FSGUmLhSsBuFI9EBM3kiG0V1v0mdu>> Acesso em: Ago. De 2022.

MARQUES, Reinaldo. **Arquivos literários**. Teorias. histórias, desafios. Belo Horizonte: Ed. UFMS, 2015.

ROCHA, Vanessa Massoni da. **Por um protocolo de leitura do epistolar**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2017.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: SANTIAGO, **Silviano. Ora (direis) puxar conversa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SANTOS, Matilde Demétrio dos. **Ao sol carta é farol**: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas. São Paulo: Annablume, 1998.

BETWEEN TEETH, LETTERS AND AFFECTION, OTTO'S LETTER TO JOSUÉ

ABSTRACT: The release of most writers has assured excuses, in fact, in a friendship that two personalities of the same literary circle cultivated. Recognizing this feeling, the number of testimonies about daily life, life, and work is reborn through reading the authors' private and affective letters. Therefore, this work intends to investigate speeches in the epistolar intimacy of two writers – Josué Guimarães and Otto Lara Resende – who exchanged letters, some of which are under the custody of ALJOG/UPF, at the University of Passo Fundo. In order to verify the memory in intimate dialogue, two documents will be remade in this work, and the intention is to emphasize the friendship between them, to allow the transmission of essential reading processes and, mainly, through Otto's voice. Supported by Santiago (2006), Diaz (2016) Bouzinac (2016), this work will preserve until now an unknown private voice in the epistolography of those whose literary importance will never be forgotten.

KEYWORDS: Josué Guimarães, Otto Lara Resende, Correspondence, Literary Collection;